

---

# Paraíso apinhado: sobre outros enquadramentos dos Lençóis Maranhenses

---

Benedita Costa <sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio visual é um recorte do conjunto de fotografias produzidas no âmbito de uma das etapas de trabalho de campo, realizada em julho de 2022, da minha pesquisa de doutorado sobre o processo de comodificação turística e estética da natureza no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Inspirada no trabalho fotográfico sobre turismo de Martin Parr e na perspectiva de Ingold (2008; 2015; 2022) sobre percepção do ambiente, acompanho turistas nos circuitos das lagoas *Azul* e *Bonita* e os registro em cenas que se contrapõem àquelas que são propagadas e vendidas como projeção do paraíso em uma natureza intocada (Diegues, 2008) como forma de refletir sobre enquadramentos e composições de imagens em áreas protegidas e sua relação com o espaço do viajante (Augé, 2012).

**Palavras-chave:** Lençóis Maranhenses; Imagens turísticas; Paisagem; Unidade de Conservação da Natureza; Turistas.

A composição das imagens dos *Lençóis Maranhenses* comumente projeta a ideia de paraíso configurado a partir de dunas, lagoas cristalinas, céu espetacular, sugerindo um lugar natural, vazio, óbvio (Barthes, 1990). Opera, assim, na construção de uma natureza prístina, simplificando ou apagando a existência humana das comunidades tradicionais que ali vivem, desconectando-a de questões político-econômicas relacionadas à sua própria produção enquanto destino turístico único.

Retratadas pelo olhar dos turistas, tais imagens, ajudam a consolidar um modelo de contato e consumo da natureza através da contemplação, ao mesmo tempo em que reforçam a ideia de uma natureza intocada (Diegues, 2008) para aquela unidade de conservação, criada em 1981, pelo Decreto Nº 86.060.

Produzidas no plano fotográfico, o enquadramento dessas imagens é marcado pela seleção de alguns elementos naturais – dunas, lagoas, céu azul e pôr do sol – que conferem

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais, docente do Instituto Federal do Maranhão *campus* São Raimundo das Mangabeiras. E-mail: benedita.costa@ifma.edu.br

um caráter cênico, e de performances e poses que se esforçam para exibir um apossamento exclusivo, dando a ideia de que estão sozinhos naquela imensidão.

Essas imagens-comuns que abarrotam as redes sociais e em outros sítios de busca nos possibilitam mirar, antropológicamente, a problemática da construção e reprodução de uma paisagem que vai se distanciando do existente e vivido cotidianamente pelas populações locais do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses – PNLN, e vai sendo desenhada como uma forma concluída e propícia à contemplação, quando se refere a um lugar turístico. Aqui percebemos a permanência histórica do sentido de paisagem como representação pictórica como cenário com elementos marcantes e fixos, confinando o mundo no âmbito de suas superfícies (Ingold, 2015; Cauquelin, 2007).

Diante disso, posicionei a minha câmera (Canon EOS Rebel T7) na direção dos turistas e os acompanho em dois dos passeios mais procurados do PNLN, que é o do *Circuito da Lagoa Azul e da Lagoa Bonita*, em Barreirinhas, com algumas perguntas na cabeça: o que não aparece nas cenas icônicas de turistas sozinhos em meio à vastidão de dunas e lagoas? Por que não aparece nas cenas o amontoado de outros que estão naquele lugar que se convencionou chamar de *paraíso*?

Dessa forma, o conjunto de fotografias desse ensaio, o qual intitulei de “paraíso apinhado” pode nos fazer perceber outras dimensões da reprodução das imagens que se forjam pelo olhar do turista, através de um certo enquadramento de *elementos naturais* – dunas alvas, lagoas de azul-turquesa e verde-esmeralda, céu azul e pôr-do-sol apoteótico –, de um *certo ângulo* – geralmente sozinho de frente para o horizonte e de costas para o espectador – e de um *certo plano* – panorâmico, com fundo infinito tecendo uma experiência de lugar que ficará na memória.

Inspirada no trabalho fotográfico sobre turismo de Martin Parr<sup>2</sup> e na perspectiva ingoldiana (Ingold, 2008; 2015; 2022) sobre percepção do ambiente registro outros enquadramentos da paisagem como forma de refletir sobre o movimento e a textura que se desenham por meio das caminhadas dos turistas que seguem em fila seu guia turístico, sarapintando no chão, linhas, marcas, fluxos e disputas que não aparecem nas imagens instagramáveis que não permitem o outro, pois é a celebração do eu sozinho a consumir a natureza. Paraíso apinhado não é bom para porta-retratos.

---

<sup>2</sup> A série fotográfica de Martin Parr é “The Last Resort”, de 1986. Ver Williams (2014).

## Referencias Bibliográficas

- BARTHES, Roland. 1990. *O óbvio e o obtuso*. Trad. Isabel Pascoal. Lisboa: Edições 70.
- DIEGUES, Antônio Carlos. 2008. *O mito moderno da natureza intocada*. 3. ed. São Paulo: NUPAUB/USP; Ed. HUCITEC.
- CAUQUELIN, Anne. 2007. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- INGOLD, Tim. 2015. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Trad. Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes.
- \_\_\_\_\_. 2022. *Linhas: uma breve história*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- \_\_\_\_\_. 2008. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. *Ponto Urbe* [Online], n. 3, julho.
- WILLIAMS, Val. 2014. *Quando a fotografia é genial*. São Paulo: Gustavo Gili.